

10

A TRANSIÇÃO DE UMA ECONOMIA DE PASTORÍCIA PARA UMA ECONOMIA DE MERCADO NA MONGÓLIA: UMA AMEAÇA AO DIREITO À ALIMENTAÇÃO

*Munkhbolor Gungaa*¹

“Quem é rico, senão a Mongólia, com a sua língua, as suas fronteiras e o seu gado?”

Zunduin Dorj

A frase do poeta Zunduin Dorj, nascido numa família nómada de pastores mongóis, expressa de modo forte, embora sucinto, como o gado é um elemento crucial para a segurança e a soberania do país. A Mongólia fica entre a Rússia e a China e possui uma população de três milhões. Uma vez que quase metade da população depende da pastorícia, esta é uma atividade central para a economia do país, onde mais de 80% da terra é constituída por pastagem, assegurando a subsistência de cinquenta milhões de cabeças de gado, incluindo cavalos, ovelhas, cabras, vacas, iaques, camelos e renas². A pastorícia na Mongólia é um modo de vida adaptado às sempre duras condições climáticas, que variam entre invernos extremamente frios de até -50 °C a verões quentes de até 35 °C, e às difíceis condições ecológicas. No entanto, a pastorícia mongol está atualmente sob ameaça devido ao impacto das mudanças climáticas, à expansão da mineração e a uma falta de políticas públicas adequadas.

O ENQUADRAMENTO LEGAL PARA O DIREITO À ALIMENTAÇÃO

Embora a legislação constitucional mongol não reconheça explicitamente o direito à alimentação adequada e à nutrição, a Constituição estipula que “aos cidadãos da Mongólia será garantido o privilégio de desfrutarem do direito a um ambiente saudável e seguro, e de serem protegidos contra a poluição ambiental e o desequilíbrio ecológico”³. Isto é consistente com os princípios do direito à alimentação. A legislação nacional vem, em certa medida, reforçar este direito⁴. Além disso, o Estado da Mongólia ratificou várias convenções internacionais que estão direta e indiretamente ligadas ao direito à alimentação, incluindo o Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (PIDESC). No entanto, tal como clarificado abaixo, apesar das obrigações do Estado ao abrigo do direito nacional e internacional, não há nenhuma aplicação ou desenvolvimento concretos de políticas públicas que transformem o direito à alimentação em realidade ou, mais especificamente, que protejam e promovam os direitos das pastoras e dos pastores na Mongólia.

A DURA REALIDADE DA INSEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA MONGÓLIA

A dieta tradicional mongol é baseada em carne, farinha e leite. Os legumes e o peixe não têm um papel significativo. Embora o consumo de produtos de origem animal na Mongólia esteja entre os mais elevados do mundo, os cereais, como a farinha, ainda são a principal fonte de energia, proporcionando, em média, 55% da ingestão calórica

1 *Munkhbolor Gungaa* é o ponto focal da Aliança Mundial de Povos Nómadas Indígenas (World Alliance of Mobile Indigenous Peoples, WAMIP), na Ásia Central. A WAMIP é uma aliança global de povos nómadas e comunidades que praticam várias formas de mobilidade como modo de vida, conservando a diversidade biológica e usando os recursos naturais de modo sustentável. A WAMIP é membro do Consórcio do Observatório. Para mais informações, ver wamipglobal.org. Um agradecimento especial a Claudio Schuftan (People's Health Movement), Monika Agarwal (WAMIP) e Bernhard Walter (Bread for the World) pelo seu apoio na revisão deste artigo. Este artigo foi originalmente escrito em inglês.

2 Suttie, J. (2005). “Grazing Management in Mongolia.” [“A gestão das pastagens na Mongólia”]. in Suttie, M., Reynolds, S. & Batello, C. (eds.) *Grasslands of the World*, págs. 265-303. Roma: FAO. Disponível (em inglês) em www.fao.org/docrep/008/y8344e/y8344e0e.htm.

3 Mongólia. *Constituição da Mongólia*. Artigo 16.º, parágrafo 2. (1992). Disponível (em inglês) em www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@ed_protect/@protrav/@ilo_aids/documents/legaldocument/wcms_117392.pdf.

- 4 Mongólia. *Legislação alimentar da Mongólia*. (1999). Disponível (em inglês) em www.wipolex.int/wipolex/en/text.jsp?file_id=179617. Ver também a legislação sobre a posse da terra do início dos anos 2000, como a Lei de terras da Mongólia, 2002. Disponível (em inglês) em faolex.fao.org/cgi-bin/faolex.exe?rec_id=046825&database=FAOLEX&search_type=link&table=result&lang=eng&format_name=@ERALL.
- 5 Adaptado de Flintan, F. (2008). *Women's Empowerment in Pastoral Societies*. [O empoderamento das mulheres nas sociedades pastorais]. Adis Abeba: WISP, Global Environmental Facility, Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) e União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN). Disponível (em inglês) em cmsdata.iucn.org/downloads/gender_format.pdf. Ver também FAO, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) & Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD). (2007). *Joint Food Security Assessment Mission to Mongolia*. [Missão conjunta de avaliação da segurança alimentar à Mongólia]. Roma: FAO. Disponível (em inglês) em ftp.fao.org/docrep/fao/010/i9883e/i9883e00.pdf.
- 6 Olsen, S. (s/d). *Nomadic Pastoralists, their Livestock, and their Landscape* [A comunidade pastoril nómada, o seu gado e a sua paisagem]. Disponível (em inglês) em www.ucis.pitt.edu/mongolia/pdfs/01.5_olsen.pdf.
- 7 *Ibid.*
- 8 Ver nota n.º 5, FAO, UNICEF e PNUD.
- 9 Grupo de trabalho sobre direito à alimentação do Fórum das ONGs sobre direitos humanos. (2010). *Mongólia – Proposta de revisão periódica universal sobre Direito à Alimentação entregue ao gabinete do Alto-comissário para os Direitos Humanos pelas partes interessadas*. Disponível (em inglês) em lib.ohchr.org/HRBodies/UPR/Documents/session9/MN/HC_Hunscoalition.pdf.
- 10 *Ibid.*
- 11 *Ibid.*
- 12 Vernooy, R. (2011). "How Mongolian Herders Are Transforming Nomadic Pastoralism" ["Como os pastores mongóis estão a transformar a pastorícia nómada"]. *The Solutions Journal* 2 (5), 82-87.
- 13 "A Mongólia interior sofre da 'maldição dos recursos', afirmam os especialistas. O dinheiro fácil gerado pela riqueza mineira produz uma elite minoritária com pouco interesse no bem estar do cidadão comum e muitas vezes baixos níveis de gastos em educação e saúde." in Denyer, S. (2015, 10 de abril). "Inner Mongolian herders feel force of China's hunger for minerals." ["Os pastores da Mongólia interior sofrem a pressão da fome chinesa por minerais"]. *The Guardian*. Disponível (em inglês) em www.theguardian.com/world/2015/apr/10/inner-mongolia-pollution-grasslands-herders.
- 14 Dugersuren, S. (2015, 9 de março). "When I was herding I had a plentiful life. Now I am working for another and have lost my independence." ["Quando andava a pastorear tinha uma vida cheia. Agora trabalho para outrem e perdi a minha independência"]. *The Guardian*. Disponível (em inglês) em www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2015/mar/09/mongolian-nomads-displacement-mining-impact-development-projects.

diária⁵. A carne e produtos derivados constituem 20% da ingestão diária, enquanto o leite e outros produtos lácteos ascendem a 11%. Dentro desta última categoria, o leite de égua fermentado, o *airag*, é muito importante na dieta da Mongólia. Contém cinco vezes mais vitamina C do que o leite de vaca e fornece igualmente vitaminas A, B1, B2, B12, e D⁶. É suposto o *airag* ter muitos benefícios para a saúde, sendo utilizado no tratamento da tuberculose e de outras doenças pulmonares⁷. Uma comida tradicional feita de cevada, leite, manteiga, chá e açúcar, o *arvain guril*, é também um alimento básico.

O gado é vital para a dieta mongol, mas o sistema alimentar cultural e tradicional dos pastores está a desintegrar-se, com um grande impacto para a segurança alimentar e nutricional do país. De acordo com estatísticas oficiais, um quarto da população que vive em Ulaanbaatar, a capital e maior cidade da Mongólia, um terço da que vive nos centros das *aimag* (províncias) e quase metade da que vive nos centros dos *Soum* (distritos) foi classificada como vivendo na pobreza⁸, e cerca de 60% das famílias não satisfazem as suas necessidades alimentares e nutricionais diárias⁹. Além disso, pelo menos 25% das crianças menores de cinco anos sofrem de problemas de crescimento, 32,1% sofrem de desnutrição e 43,2% têm falta de vitamina D¹⁰. Também 37,1% das mulheres grávidas e 30,5% das mães que amamentam têm falta de vitamina D¹¹.

PASTORÍCIA: UM MODO DE VIDA AMEAÇADO

A pastorícia está ameaçada devido aos impactos das alterações climáticas, que resultam em secas severas, tempestades e invernos ainda mais rigorosos, localmente chamados *zuds*. O *zud* de 2010 foi o pior de sempre, resultando na morte de 20% da manada nacional¹². Sob estas imprevisíveis e severas condições climáticas, e de acordo com os padrões internacionais, estima-se que a ingestão diária na Mongólia deveria ser de 2.700 quilocalorias. Como explicado anteriormente, a dieta mongol está diretamente ligada à pastorícia, uma vez que é bastante baseada em carne e laticínios.

A situação da comunidade pastoril também está a piorar devido às novas políticas de uso da terra e ao recente surto de indústrias de mineração e exploração de minerais. Estas afetam negativamente as pastagens e as nascentes necessárias à sobrevivência, ao mesmo tempo que a poluição que as acompanha envenena pastagens e animais e afeta a saúde¹³. Além disso, os campos pastorais sazonais estão a ser perdidos para as minas, para a construção de estradas, para a descarga de desperdícios a céu aberto e para a extração de água¹⁴. Também há receios de que o governo possa desclassificar zonas atualmente consideradas como Áreas Protegidas de modo a iniciar a mineração nas áreas de pastorícia. Como resultado, os pastores são forçados a migrar das áreas rurais para as áreas urbanas. No entanto, os jovens pastores nem sempre encontram um emprego adequado nas áreas urbanas e esta migração contribui para minar a ancestral cultura pastorícia, bem como para aumentar a taxa de insegurança alimentar no país. Obviamente que o direito dos pastores mongóis aos alimentos está diretamente relacionado com o facto de serem ou não capazes de continuar a praticar a pastorícia.

Tal como os cada vez mais diminutos sistemas de produção de alimentos, os mercados internos não favorecem os mongóis. As pastoras, pastores, camponesas e camponeses não conseguem fornecer os seus produtos diretamente aos mercados devido à falta de um sistema de fornecimento direto; os intermediários gerem o sistema de distribuição alimentar. Além disso, a produção de alimentos básicos, como

carne, leite, trigo e aves recebe muito pouco apoio estatal. O governo dá prioridade à importação de produtos baratos, em vez de desenvolver um ambiente favorável aos empréstimos nacionais e políticas fiscais que beneficiem a agricultura familiar e a pequena propriedade. Neste contexto, a pobreza é um grave problema nas áreas rurais, especialmente devido à falta de políticas públicas de capacitação das comunidades nômadas, para que possam influenciar as políticas e desenvolverem a produção agrícola local.

RESPOSTAS EMERGENTES DA SOCIEDADE CIVIL MONGOL

Existem vários fatores que impedem uma resposta forte à situação na Mongólia. Os decisores políticos, a sociedade civil e as comunidades locais não têm ainda uma abordagem crítica unificada. Esses atores geralmente não têm conhecimento sobre os direitos humanos e não percebem a contribuição dos sistemas alimentares indígenas ou nômadas para a segurança alimentar do país. Por outro lado, os recursos minerais são muitas vezes vistos como uma enorme oportunidade económica, enquanto os seus impactos negativos sobre o ambiente e a cultura só muito lentamente vão sendo reconhecidos.

No entanto, surgem alguns sinais positivos. Há protestos esporádicos por parte da comunidade pastoril e um crescente número de outras pessoas está também a começar a preocupar-se com ela. Além disso, há várias organizações da sociedade civil e movimentos sociais que apoiam e lutam pelos direitos à terra e à água na Mongólia¹⁵. A Aliança de Povos Indígenas Nômadas da Mongólia (Mongolian Alliance of Nomad Indigenous People, MANIP) foi recentemente constituída pelas próprias comunidades pastoris nômadas. Pretende construir uma forte rede pastoril a nível nacional, capacitar os pastores e levar as suas vozes até aos diálogos e consultas internacionais, bem como influenciar as políticas governamentais¹⁶. A sua direção inclui membros focais de cada região, tendo em conta a dimensão de género, bem como representantes da juventude. Sob o Pastoralist Knowledge Hub (núcleo de conhecimento pastoril)¹⁷, uma iniciativa apoiada pela FAO, a MANIP irá ser anfitriã da primeira reunião de pastores da Ásia em julho de 2015, para discutir a segurança alimentar e nutricional, bem como as questões relacionadas com a posse da terra e o apoio ao conhecimento tradicional.

CONCLUSÃO

A Mongólia é um exemplo flagrante de um país onde os modos de vida tradicionais ancestrais são incompatíveis com as políticas de desenvolvimento do Estado baseadas no mercado “industrial”. Há uma enorme pressão sobre os direitos pastoris históricos e o modo de vida da comunidade pastoril e, conseqüentemente, sobre a sobrevivência da sua cultura na Mongólia. A continuação da sua existência irá depender do ambiente político e da capacidade pública de influenciar a mudança. Por essa razão, a parceria e o entendimento entre governo, comunidade pastoril e todas as organizações de apoio será essencial para construir um forte mecanismo para o reforço da segurança alimentar e nutricional e assegurar a realização do direito à alimentação adequada e nutrição para todas as pessoas na Mongólia.

15 A título de exemplo, United Movement of Mongolian Rivers and Lakes, UMMRL (Movimento Unido de Rios e Lagos Mongóis), Baigal Ekhiin Avral San, a associação mongol de proteção ambiental, o Conselho Ambiental da Mongólia, My Mongolia Land (A minha terra mongol), Onon Ulz River Residentials (Residentes de Onon Ulz River) e o Centro de Informação sobre Direitos Humanos da Mongólia Austral.

16 A MANIP é membro do grupo Ásia Central da WAMIP. Para mais informações ver www.centralasiapastoralists.weebly.com.

17 O núcleo pretende facilitar a criação de mecanismos de pastorícia nacionais e regionais para a defesa de causas políticas, o diálogo e a partilha de conhecimentos. Para mais informações, ver o sítio da Web do Pastoralist Knowledge Hub. Disponível em www.fao.org/pastoralist-knowledge-hub/en.